



Texto enviado em

24.06.2020

aprovado em

30.10.2020

V. 10 - N. 22 - 2020

*Doutora em Ciências da Religião pela PUC/SP. Pós-doutoranda em Teologia na PUC/SP. Contato: cmariar@uol.com.br

“Pelas Tabelas” – A arte de cantar os dramas da existência humana.

“Through the Tables” – The art of singing the dramas of human existence.

Célia Maria Ribeiro*

Resumo

A música popular brasileira reúne grandes talentos artísticos, entre estes, Chico Buarque. A apreciação pública já o demonstra há tempos, somada aos vários prêmios nacionais e internacionais a ele concedidos. Diante do vasto repertório cultural e levando em consideração as possibilidades de leitura de suas produções musicais, opta-se neste artigo por aprofundar o entendimento de “Pelas Tabelas” na perspectiva fenomenológico-existencial, com o objetivo de explicitar alguns elementos relacionados aos dramas humanos, encontrados no uso de expressões e palavras e mesmo na composição técnica da letra e melodia. A dimensão espaço-temporal observada no enredo indica o movimento contrário ao que se dá naquela circunstância específica, marcada por inquietações sócio-políticas com profunda repercussão no destino da nação brasileira. Entretanto, a realidade coletiva figura como pano de fundo para o diálogo com a individual; esta, sim, objeto da sutil apreensão presente no texto. Este trabalho é fruto também da instigante participação no Grupo de Estudos sobre Literatura, Religião e Teologia – LERTE, da PUC/SP.

Palavras-chave: música, existência, fenomenologia, individual, coletivo.

Abstract

Brazilian popular music brings together great artistic talents, including Chico Buarque. His songbook has been highly appreciated by the public for decades, added to the various national and international awards his work has been since granted. Given his vast cultural repertoire and taking into account the many possibilities of reading his musical productions, this article opts to deepen the understanding of “Pelos Tabelas”, one of his songs, but in the phenomenological-existential perspective, trying to explain and clarify some elements related to human and political dramas found in the use of expressions, lyrics, melody, and even in the technical composition of “Pelos Tabelas”. The space-time dimension observed in the plot indicates a reverse movement to what is occurring in that specific circumstance, marked by socio-political concerns and their profound effects on the national destiny. However, this collective reality functions as a backdrop for the individual internal dialogue; it is the object of the subtle apprehension present in the text. This work is also the result of the instigating participation in the Study Group on Literature, Religion and Theology – LERTE, at PUC/SP.

Keywords: music, existence, phenomenology, individual, collective.

Introdução

A extensa produção artística de Francisco Buarque de Hollanda, o conhecido Chico Buarque, conta com inúmeras leituras ao longo de sua promissora caminhada em diferentes áreas, com destaque na música popular brasileira, cujo repertório reúne aproximadamente oitenta discos, entre estes discos-solo, em parcerias com outros músicos, e compactos. É principalmente em função do amplo leque de interpretações contido no seu vasto repertório musical que este artigo versará sobre “Pelos Tabelas”, escrita e publicada em 1984. A canção é parte de disco de Chico Buarque ao lado de canções políticas e românticas como “Vai Passar”, “Mil Perdões”, “Beijo da Cruz”, “Como se fosse a Primavera” (Pablo Milanés e Nicolás Guillén), “Tantas Palavras”, entre outras. (CABRAL, 2019, p. 50).

Os versos de “Pelos Tabelas” são entrelaçados, sem emendas ou rasgos, e organizados em quartetos que se desdobram e se repetem quatro vezes, sempre em recomeço. Não há uma conclusão propriamen-

te dita, com o volume baixando gradativamente, sem a quebra do ciclo. A sensação de certa monotonia é superada com a evolução crescente do arranjo, à medida que são agregados novos elementos instrumentais e rítmicos. (CABRAL, 2019, p. 50). A letra da canção refere-se inicialmente a homem confuso, com a “cabeça já pelas tabelas”, ciente de que “ninguém se toca com a [sua] aflição”, pois está apaixonado por uma mulher que havia partido e de quem esperava o retorno, o reencontro amoroso. Nesse ínterim, dá-se conta de “todo mundo na rua de blusa amarela”. Então, pensando que é carnaval, vê ilusoriamente a amada “puxando o cordão”. Mas, o cenário é absolutamente outro: “a movimentação do povo sugere manifestação pública, política”. Entretanto, o sujeito da canção “está voltado para si mesmo e sua paixão amorosa”; “alienado de si e do seu contexto histórico”. (CABRAL, 2019, p. 51).

Realidade sócio-política brasileira x Pelas tabelas

O país estava sob o governo do general João Batista de Oliveira Figueiredo (1979–85), o quinto e último presidente do longo período de ditadura militar instaurado por meio do golpe, organizado por militares, de 31 de março de 1964 e concluído com o golpe parlamentar de 2 de abril do mesmo ano, este articulado por militares, empresários do nosso país, com o apoio dos Estados Unidos da América, visando a queda de João Goulart e o respectivo projeto sócio-político, mediado pelos objetivos desenvolvimentistas para o Brasil. Ao longo dos anos de ditadura militar, as eleições para a presidência da república eram indiretas, portanto, sem a participação da população.

A canção “Pelas Tabelas” foi composta na época em que o Brasil passava pela campanha “Diretas Já”. (HOMEM, 2009, p. 228). Ao longo da história de sua recepção, a canção foi recebendo inúmeras leituras, entre estas a de que estava relacionada à referida campanha. No início do ano 1984, o movimento já ganhava as ruas, marcando a história da manifestação popular no país. Contudo, ao incluí-la no seu show de 1994, Chico

Buarque fez a seguinte declaração ao jornal Folha de São Paulo:

Essa tendência de enxergar sempre através do político de certa forma cristalizou uma ideia que não me satisfaz, absolutamente. Muitas vezes isso aconteceu porque eu queria. Mas no show eu canto uma música que fala disso e que agora não tem mais nada a ver com o momento em que ela foi composta. Me perguntaram por que essa música política no meio do show. Mas ela é na verdade um pouco a negação disso tudo. A música se chama “Pelas tabelas”. É um sujeito procurando uma mulher, apaixonado, no meio da manifestação pelas diretas. É essa confusão do individual com o coletivo, e aponta muito para o individual naquele momento coletivo. Mas a leitura predominante é a política, que é uma leitura viciada. “Pelas tabelas” é um samba que eu gosto de cantar e que estou cantando nesse show porque ele também tem um pouco essa confusão do Estorvo, essa barafunda mental. (HOMEM, 2009, p. 228).

Antes de adentrar o tema da individualidade propriamente dito, de fato, a canção faz referência a outro João Batista, o profeta bíblico, precursor daquele a quem não se achava digno sequer de desatar a correia das sandálias. (Mc 1,7). A figura de João Batista está literalmente ausente na respectiva canção, no entanto, a menção a “minha cabeça já numa baixela” faz lembrança indireta à morte dramática do profeta, cuja narrativa bíblica encontra-se nos evangelhos sinóticos: Heródes tinha mandado prender João Batista, por causa de Herodíades – a mulher do seu próprio irmão, Filipe, e a quem havia desposado – pois João Batista lhe dizia que não era permitido tê-la por mulher. Mas, o tetrarca, embora desejasse, receava matá-lo, porque a multidão o considerava profeta. O que até então parecia longe de ser concretizado alcança êxito na festa do aniversário de Heródes. Este, já embriagado, fica entusiasmado com a dança de Salomé, e lhe diz para pedir o que quisesse, sob juramento de que o realizaria, mesmo que fosse a metade de seu reino. Instruída por sua mãe, ela pede “a cabeça de João Batista”. O rei ficou triste, mas por causa do juramento e dos convivas presentes, ordenou que lha dessem. João Batista foi decapitado no cárcere e sua cabeça trazida no

prato à dançarina que a levou à sua mãe. (Mc 6, 17-29; Mt 14, 3-12).

O ofício custou-lhe a própria cabeça, haja vista a coragem de falar sobre os erros ou pecados alheios, de forma pública, em nome da verdade, sob “a árida honestidade de um profeta do deserto”. (CABRAL, 2019, p. 56). O tema da alienação é sentido na medida em que se nota a cabeça separada do corpo de João Batista, assim como a do rei em relação ao seu povo, e a do personagem narrado na canção do contexto histórico nacional, pois está voltado para si mesmo, indiferente à experiência coletiva. Ele figura como o epítome da alienação, pois confunde manifestação democrática com carnaval e suas fantasias pessoais com o sonho coletivo. (CABRAL, 2019, p. 56). Contudo, João Batista era bastante consciente de sua função na comunidade. Levando em consideração as expectativas escatológicas presentes em seu discurso, destaca-se que a mensagem do Reino obteve o reconhecimento profético da ação íntima de Deus no meio do povo. Para os batistas foi, sobretudo, o reconhecimento formal do senhorio final, entendido como reinado de Deus diante do pecado e mal no mundo, através da conversão pessoal, o que implicava a mudança de horizonte na própria rede social; esta transformação, por sua vez, exigia a relativização do presente e a abominação dos ídolos e senhores do mundo. (CANVAS, 2020).

A situação e o persona da canção

Levando em consideração o estado de confusão interior que, segundo a expressão “pelas tabelas”, parece em situação precária, com esgotamento físico e mental, levando-o a expressar-se com pouca clareza e objetividade (CABRAL, 2019, p. 52), nota-se também que o sujeito da canção tem bastante dificuldade na conexão com o entorno. Os parâmetros para a compreensão desse cenário encontram respaldo na filosofia existencialista, na medida em que se propõe examinar o homem em sua situação. (AUGRAS, 1978, p. 14). Então, convém que se faça ao menos uma abordagem resumida a respeito do assunto.

O ser humano, observado como indivíduo ou em termos de gênero (similaridade), tem o triplo aspecto: é natureza, na medida em que representa uma determinada série animal; é história, por ser autor e suporte de um processo constante de manejo da natureza e de si próprio; e é existência, quando abrange a natureza e a história. Para a compreensão da situação existencial do ser humano, faz-se necessária também a compreensão psicológica do indivíduo. Enquanto suporte da natureza e autor da história, o ser humano fundamenta-se na consciência de si e do mundo. (AUGRAS, 1978, p. 21).

Os dois enfoques dados à consciência pertencem ao mesmo fenômeno. “A realidade humana exprime-se na sua dimensão de ser no mundo.” (AUGRAS, 1978, p. 23). Este ser no mundo significa uma existência para si e para o mundo, sem que seja exclusivo ou restrito ao mundo da natureza, mas também ao mundo social, no qual o ser humano – em relação com os outros – assegura a realidade por meio da coexistência. Em termos de relacionamento interpessoal, o limite da identificação se dá pela revelação da alteridade. A delimitação do eu é percebida ao esbarrar com o não eu. Será possível, então, o reconhecimento do outro como tal, sem que se tenha dentro de si a presença da alteridade? (AUGRAS, 1978, p. 23).

Para responder à pergunta feita, vale a recordação de que a realidade do mundo é testemunhada pelo ser humano. Mas, segundo Jaspers (1968 apud AUGRAS, 1978, p. 22) “o universo não carece de nós”. De acordo com Augras, “a natureza é interpretada através da percepção, e transformada em mundo”. (AUGRAS, 1978, p. 22). Nesse processo, a autora explica a existência de uma criação recíproca entre sujeito e objeto, ser humano e mundo; pois o estabelecimento da “construção das categorias da realidade instaura-se no caminho das superações sucessivas das contradições entre sujeito e objeto”. (AUGRAS, 1978, p. 22).

A consciência do objeto, cuja presença é confirmada, testemunha também a presença de algo exterior ao ser humano, jamais abordado

de forma completa. Por sua vez, a consciência da consciência do objeto também testemunha a inescotabilidade de abordagem do sujeito. Nesse sentido, há cisão entre sujeito e objeto, que gera tensões, levando à formulação de que a existência humana está definida em termos de conflito. Este não está posto como algo indesejável ou ruim, ao ponto de ser considerado inútil ou nocivo; mas, como algo capaz de gerar equilíbrio, na medida em que a cisão impulsiona o conhecimento mútuo e atua como motor na construção recíproca do ser humano e do mundo. (AUGRAS, 1978, p. 22).

A autora relembra Kierkegaard, quando este faz uma meditação sobre os possíveis da liberdade humana e desenvolve, então, “o conceito de angústia”, observando que, no mito cristão, a angústia primordial aparece juntamente com a figura de Eva, a fundamentalmente *outra*. (1935 apud AUGRAS, 1978, p. 24). No relato de Gênesis (2,22), Eva é criada a partir de Adão, ou seja, surge *de dentro dele*: o outro é um componente de si. A partir dessa alocação, afirma que “a alteridade reside dentro do ser”. (AUGRAS, 1978, p. 24).

Guardadas as devidas especificidades da ambígua situação existencial do ser humano, ressalta-se que nesta há subsídios para a compreensão individual, aspecto importante para a nossa reflexão, haja vista a canção objeto de nossa apreciação crítica, em cujo texto encontra-se o persona e a sua realidade. Nas estrofes, estão explicitadas parte de sua angústia, pela falta da pessoa amada e, também, desatenção dos que o rodeiam, pois “ninguém se toca com a [sua] aflição”. A alternância de humor, em achar “que era ela puxando um cordão” e ele dançando “de blusa amarela” na tentativa de que [sua] “cabeça faça as pazes assim” demonstra também os sintomas de depressão, tema que nos remete a uma das áreas do conhecimento utilizada na presente discussão: a fenomenologia.

Este campo “busca a compreensão dos fenômenos, bem como o desvelo de seus possíveis significados”. Também “constitui um méto-

do de compreensão da construção do real”. Levando em consideração a questão do comportamento, “a fenomenologia se coloca como método de análise da existência humana, que se desdobra em uma miríade de comportamentos”. (SANTOS, 2017, p. 147). Embora fuja ao escopo deste, vale mencionar que a psiquiatria fenomenológica, outra área de conhecimento que se debruça sobre o tema da depressão, distingue-se da psiquiatria clássica (entre outros aspectos) devido à busca pela compreensão do ser humano diferente da concepção da medicina e, também, por fazer uso de outro método. “A primeira procura compreender, a segunda busca explicar”. (SANTOS, 2017, p. 147).

Segundo Augras, “a compreensão é uma dimensão ontológica da existência”. (AUGRAS, 1978, p. 26). De acordo com Santos, compreender “consiste em estabelecer as relações de sentido que um evento, uma vivência, um comportamento ou uma expressão possam implicar, considerando a relação com espaço, tempo, contexto e significados. (SANTOS, 2017, p. 147). Nesse sentido, é que se coloca a abordagem fenomenológica do persona da canção “Pelos Tabelas”, pois a simples descrição de uma problemática individual também compõe uma modalidade de explicitação do mundo. (AUGRAS, 1978, p. 27).

Na perspectiva fenomenológico-existencial, ser humano e mundo estão em mútua interação. O ser-no-mundo é, portanto, uma das estruturas básicas da existência do ser humano. Na perspectiva da Heidegger (1995 apud SANTOS, 2017, p. 148) significa “o ser entendido como infinito de “eu sou”. A expressão “ser-no-mundo” está ligada ao modo básico de o ser humano existir; o existir humano – o *dasein* (estar aí, no mundo) – tem inúmeras possibilidades. “A depressão constitui-se como um modo de estar aí, no mundo, que revela o estado decadente em que a pessoa se encontra, um estado de queda e prostração diante da vida, seja pela perda de um objeto amado, pela frustração de um desejo ou porque, a certa altura da vida, os projetos não aconteceram como planejados e esperados” (SANTOS, 2017, p. 148), entre outras possibilidades causadoras da depressão.

O autor reafirma que o modo depressivo de existir expressa um modo de estar no mundo, e a ausência de naturalidade, decorrente desse estado, compromete a atitude de abertura diante da vida, interferindo na disposição da pessoa para criar, enfrentar e explorar novas possibilidades. (SANTOS, 2017, p. 148). Isso remete para outra questão relevante do humano: um ser de possibilidades. De acordo com Santos, na construção da trama cotidiana, na qual todas as pessoas travam uma batalha pela sobrevivência, há também as necessidades e as possibilidades. Quanto à primeira – oportunamente indicada por Maslow (1908-1970) por ocasião da fundação da psicologia da autoatualização e a exposição da escala de necessidades humanas, estas divididas em cinco categorias: fisiológicas, segurança, afeto, estima e autorrealização – já está comprovada, tornando-se mesmo incontestável. Mas, o que também se dá, porém pouco lembrado, é que durante a elaboração de sua existência, cada pessoa revela-se na sua dimensão de ser de possibilidades. (SANTOS, 2017, p. 149).

Nesse sentido, planos e projetos, comumente chamados de futuro, mostram a inclinação do ser humano e respectiva projeção no horizonte do tempo por vir entrando no campo das possibilidades. De modo geral, a ênfase é dada às necessidades por conta da carência biológica da condição humana, diante da qual a pessoa busca satisfazê-la. O mesmo se dá com a busca de algo que seja motivador para a sua realização psíquica e existencial. As necessidades e motivações estão diretamente relacionadas e interdependentes. (SANTOS, 2017, p. 149). Contudo, o ser humano, além de ser movido por carências e desejos, o é também pela sua condição ontológica de abertura; está no mundo, aberto aos seus apelos e a suas possibilidades, revelando, então, que nunca está determinado e pronto. Essa característica inerente distingue-nos do animal, que não tem futuro ou passado, sem possibilidades e completamente imerso na natureza. Tal característica é importante também na análise do aspecto psicopatológico, na medida em que cada pessoa tem a sua vivência da depressão. (SANTOS, 2017, p. 149).

Segundo Santos, três características básicas precisam ser levadas em conta no estado depressivo: sofrimento moral, inibição global e estreitamento vivencial. A pessoa deprimida sente-se paralisada, sem força, sem vontade. É incapaz de projetar-se no horizonte das possibilidades de suas realizações; o que ocorre, também, por desconhecer o que quer para si. Então, fica sem motivações para a busca. A sensação é que está encurralada e sem saída, insegura, perdida e sem rumo, muitas vezes sem saber também o que desejar. (SANTOS, 2017, p. 149).

A inibição global, presente no quadro depressivo, está relacionada a isto: a pessoa não saber o que desejar. Segundo Santos, esse é um dos grandes problemas do ser humano contemporâneo; se antes ocorria depressão por anseios proibidos devido a julgamentos morais, exclusão ou rejeição, atualmente as pessoas “podem tudo”, dentro do que é possível ser compartilhado abertamente no âmbito privado ou público, em suas redes de relações, nos guetos, grupos específicos ou lugares, tendo em vista as suas realizações. A sensação de inibição global da vida parece ocasionar pensamentos suicidas, porque a pessoa não vê mais sentido em viver, tentando dar uma solução à sua paralisia existencial. (SANTOS, 2017, p. 150).

O persona da canção “Pelas Tabelas” suscita uma reflexão semelhante: ao “perder a cabeça” pela pessoa amada, dá a impressão de que estava querendo por fim ao próprio sofrimento, haja vista a falta de perspectiva para nova possibilidade afetivo-amorosa. Em que pese a gravidade da ideia suicida, que nos remete à morte, o “ideal” seria que o sujeito trabalhasse aquilo que estava vivenciando naquele determinado momento de sua vida, para “desvelar o sentido” da sua experiência (fenômeno) que já se deu e está lá, em sua história, em sua imaginação, porém, sem ter sido submetido a uma reflexão ou trazido à tona, tornando-se presente pela linguagem. ((SANTOS, 2017, p. 150).

A sutileza do músico em trazer essa desorientação do sujeito da canção revela também a importância do recurso artístico para tratar das

questões ligadas ao drama humano. A liberdade de expressão, observada através da música, está distante porém da realidade do persona, na medida em que este se encontra cerceado pela multidão – em manifesto pelas “Diretas Já” – e na qual se sente pouco à vontade para expor o seu problema pessoal, até porque é “claro que ninguém se toca com [sua] aflição”, conforme expresso na letra na canção.

A liberdade é, segundo Santos, outra condição ontológica do ser humano, ainda que esteja envolto a determinismos e condicionamentos que o limitam ou programam; e, também, pode renunciar à própria liberdade, submeter-se, alienar-se, tornar-se escravo e dependente, por opção sua. (SANTOS, 2017, p. 151). Por ser livre para tomar decisão e fazer escolha, é também responsável. Entretanto, ser responsável pelas suas opções “não significa negar a importância dos maniqueísmos sociais e dos diversos tipos de governos soberanos que os controlam ideologicamente, criando demandas e necessidades para a gestão da vida contemporânea”. Dizer que o ser humano é livre implica no fato de que sempre tem alguma possibilidade de escolha, certa margem de opção, por mais restrita que esteja a sua vida ou por mais alienado que se encontre. (SANTOS, 2017, p. 151).

O sujeito da canção, conforme aludido anteriormente, “está alienado de si mesmo, de seu momento histórico e da experiência coletiva”. (CABRAL, 2019, p. 56). No estado depressivo, a pessoa sente-se presa, sufocada por conflitos e com a impressão de perda da liberdade pessoal. Entretanto, o que quer que tenha havido na sua trajetória pessoal contou com a sua participação; ou seja, foi corresponsável. A vivência do tempo tende a ser no passado, focando as circunstâncias negativas. Assim, os sentimentos que se sobressaem são os de culpa, falta, vazio, saudosismo ininterrupto. (SANTOS, 2017, p. 151). Isso também é observado na repetição cíclica das estrofes da canção, que não têm propriamente uma “conclusão”, mas a contínua lembrança da amada, mediante a expectativa imaginária de seu retorno. Porém, “o passado não é uma garantia que assegure o presente e menos ainda o futuro”, dessa maneira, ansiedade

e angústia são inevitáveis à pessoa. (SANTOS, 2017, p. 151).

A imaginação do sujeito, reflexo de sua “barafunda mental” (HOMEM, 2009, p. 228), o leva também a misturar-se à multidão, com “um elemento importante na canção” de Chico Buarque: a dança. A expressão “danço de blusa amarela” denota o quanto julgava estar seguindo fisicamente a amada, pois achava que “era ela puxando um cordão” (carnavalesco). Porém, já é sabido que se tratava da manifestação popular pelas “Diretas Já”. De acordo com Cabral, “na canção, os dilemas pessoais e as aspirações sociais se cruzam no caminho”. Mas, não há conversão nem engajamento por parte do persona. (CABRAL, 2019, p. 58).

Guardadas as devidas especificidades da canção enquanto elemento artístico, Affonso Romano de Sant’Anna (CALVANI, 1998 apud CABRAL, 2019, p. 59) analisa que, “ao estudar a obra de Chico Buarque, observou que esta divide-se em três grandes correntes temáticas”, a saber: 1. a nostalgia (o amor); 2. a violência; 3. a festa. Em “Pelas Tabelas”, estão presentes, de forma explícita, a nostalgia do amor e da festa. (CABRAL, 2019, p. 59). Sobre a primeira temática, temos percorrido continuamente; então, somente para ampliar – mesmo que de forma modesta – a segunda, nota-se que “a festa no palácio de Heródes é a festa da luxúria, do extravasamento do poder, diferentemente da festa que se espalha nas ruas do Brasil na época da canção, a festa do retorno da democracia”. (CABRAL, 2019, p. 56-57).

Entretanto, mesmo diante da temática política que a circunda, para Chico Buarque, “Pelas Tabelas” não é uma canção política, conforme assinalado anteriormente. Trata-se de alienação política, assinalada pela ironia do contexto, pelo desencontro entre a dimensão coletiva e a dimensão individual da vida. O sujeito, apesar de enredado pelo coletivo, está submerso em seu sofrimento pessoal. A canção revela a perspectiva mais universal da condição humana, o quanto a pessoa pode estar separada das experiências coletivas da comunidade a que pertence ou do seu povo. (CABRAL, 2019, p. 60). Em descompasso com o seu tem-

po e o próximo, o persona fica aprisionado em si mesmo, incapaz de dar um novo sentido ao isolamento ou solidão, mesmo com a declarada exposição interior dessa realidade.

A vivência do tempo íntimo – desconexa do tempo do mundo, que segue regularmente e de forma externa, impessoal e objetiva – fica comprometida por conta das diversas circunstâncias que a influenciam; no caso em análise, trata-se de condição depressiva do sujeito, pois o fluxo vital está inibido e conseqüentemente a convivência fica densa e pesada, carregada de resistências, com dificuldade para sair do presente emaranhado no qual se encontra e seguir em frente. Aprisiona-se no presente, permitindo que o passado exerça uma sobrecarga, porém, amortecida pelas “cores do pessimismo” que complicam a caminhada adiante, privando-se do futuro. (SANTOS, 2017, p. 152).

Individual x Coletivo

A canção “Pelas Tabelas” tem “várias significações e expressões em torno da palavra cabeça”, que ocorre mais de dez vezes. Conforme assinalado por Cabral, “a cabeça funciona bem como símbolo de racionalidade, de centralidade do pensamento, do indivíduo”. (CABRAL, 2019, p. 55). No contexto musical, a cabeça está em crise, em situação ruim. O persona revela que a sua crise está localizada na cabeça, o que denota dificuldade de organização do pensamento, precariedade funcional, esgotamento mental. “Eu achei”, “eu pensei”, “eu jurei” são alguns verbos utilizados pelo sujeito, que expressa sua perspectiva subjetiva, seu ponto de vista humano e relativo. “Suas impressões, é o que sobra. Não há lugar para o que é, mas para o que pensei que fosse.” (CABRAL, 2019, p. 55).

Em que pese a especificidade do termo “sonho” nas diferentes áreas ou disciplinas do conhecimento humano e a necessária investigação para os fins a que se destina, “dentro da perspectiva fenomenológica, o significado do sonho está na própria elaboração do relato, entendido

como obra do sonhador, retratando a sua realidade”. (AUGRAS, 1978, p. 69). O sonho refere-se àquilo que é (em alusão próxima a Jung). É importante desvelar, tanto quanto possível, o significado para a pessoa. Nesse sentido, “para a fenomenologia, a compreensão situa-se no indivíduo e não no fenômeno”. Afirma também a autora que “o sonho não é absurdo nem confuso”. Confuso é o entendimento do intérprete. (AUGRAS, 1978, p. 70).

O que se passa com o sujeito da canção, em análise, mostra em parte, quão confuso estava na tentativa de relatar a própria situação ou o “sonho” do reencontro com a pessoa amada, fonte da sua angústia pessoal porque inalcançável. Diferentemente do que se dá com a multidão ao seu redor, que se realiza no “sonho”, porém, coletivo.

O tempo do mundo segue continuamente, do lado de fora, indiferente aos sentimentos dolorosos (sim!) do persona, mas sublimados pela dança a partir do imaginário no qual “acha”, “pensa”, “jura” que era “ela...” à frente do “cordão”. Do ponto de vista social, o objetivo estava claramente posto e a respectiva concretização já se delineava com a passeata que, por sinal, não seria a única. A desconexão entre os ponteiros interno e externo reafirma a dificuldade do persona da canção na medida em que, sujeito à inibição do fluxo vital, circula “penosamente” em torno de sua confusão mental, revelando a sua incapacidade para assimilar o instante imediato, em suma, fica privado de futuro. (SANTOS, 2017, p. 152).

A habilidade do artista em expor as situações conflituosas da pessoa ou sociedade demonstra que a música tem um papel importante no processo de compreensão dos fatos individuais ou coletivos, colocados de forma prazerosa, mostrando beleza e emoção, entre outros frutos artísticos e humanos. A música tem a capacidade de inspirar ouvintes e dar particularidade a sociedades; o Brasil, por exemplo, é comumente lembrado por sua música popular. O aspecto social da música, por vezes, sobressai em detrimento do físico. Este, porém, tem se mostrado igualmente importante. Os sons interferem na manifestação dos sentimentos da pessoa: tons mais graves têm mais chance de gerar sentimentos

melancólicos e tristes; os agudos, sentimentos de contágio e felicidade. (CABRAL, 2019, p. 50).

Em “Pelas Tabelas”, “a sensação que se tem é de certa monotonia, não fosse a evolução do arranjo que segue num crescendo, enquanto vai agregando novos elementos e rítmicos”. Tais efeitos estão presentes em outras canções de Chico Buarque (“Construção” e “Pedro Pedreiro”, por exemplo) e isso faz com que não se chegue ao momento de distensão e alívio final, mas de contenção e recarga. (CABRAL, 2019, p. 50). Entretanto, vale ressaltar que todos esses detalhes físicos podem mudar ao se observar culturas diferentes. O que se pretende aqui é acentuar a capacidade da arte musical em transpor barreiras impostas, de forma consciente ou mesmo inconsciente seja por parte do indivíduo ou coletivo, sobre fatos ou temas concretamente inconvenientes à manutenção do *status quo* e às consequentes implicações de seu desvelamento.

Conclusão

A abrangência de leituras possibilitadas pelo repertório musical de Chico Buarque dá espaço para colocar em prática o diálogo com a sua obra, a exemplo de “Pelas Tabelas”, cujo conteúdo suscitou as reflexões feitas, até então. Obviamente que se trata de alguns aspectos literários da canção, contudo, sob a perspectiva fenomenológico-existencial, levando em consideração a circunstância espacial e temporal do sujeito referido nesta.

Os estudos em psicologia fenomenológica têm muitos objetos de conhecimento, entre estes as características da depressão, observada de modo específico a fim de compreender a “barafunda mental” do persona da canção em seu descaminho pela rua da cidade carioca. A canção tem ainda pontos de conexão com a teologia, os quais foram explorados com vista à recuperação explícita da passagem bíblica do personagem que tem “a cabeça numa baixela”, qual seja, João, o Batista, para estabelecer a relação concreta com o persona da música, cuja “cabeça está

pelas tabelas”.

O que se destaca, sem nenhuma pretensão ao esgotamento da investigação, é o trato desinibido de questões dramáticas ao ser humano decorrentes de escolhas pessoais, cujas consequências danosas podem ser construtivas desde que se tenha abertura suficiente para ressignificá-las. O recurso artístico, criativo e despojado, observado em Chico Buarque, faz com que um dilema individual tenha “eco” sutil nas entrelinhas da existência humana, mesmo diante de uma multidão empolgada pelas vozes – agora, liberadas – que ecoariam no futuro retorno da democracia.

A dissonância com o coletivo, na perspectiva da conjuntura sócio-política, é suavizada quando se coloca a pessoa no centro, com os fatos que a circundam e as suas respectivas nuances. Nesse sentido, a busca individual, ainda que mergulhada no imaginário, reúne maiores chances de ser transformada pela abertura à experiência coletiva; mas, sobretudo, pela ressignificação pessoal, cuja vivência é intransferível.

Referências

- AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão*. Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. 15ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1978.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- CABRAL, Gladir. *O poético, o profético e o patético*. In: CAVALCANTE, Ronaldo (Org.). *Cultura, Religião e Sociedade em Chico Buarque de Hollanda*. São Paulo: Recriar, 2019.
- CANVAS. *Reflexiones sobre el Reino de Dios*. In: Seguir a Jesús Hoy. Disponível em: <https://canvas.instructure.com/courses/1815089/pages/semana-1> Acesso realizado em 3/5/2020, às 18h22min.
- Discografia de Chico Buarque. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Discografia_de_Chico_Buarque Acesso 22/4/2020, às 13h14min.
- Ditadura Militar*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/ditadura-militar.htm> Acesso 21/4/2020, às 11h04min.
- FREITAS, Sylvia Mara Pires de. *Uma análise existencialista para um*

caso clínico de transtorno obsessivo compulsivo. In: Revista de Abordagem Gestáltica – XVII (2), jul-dez, 2011: 205-214.

HOMEM, Wagner. *Histórias de canções*: Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009.

SANTOS, João Laurentino dos. *Depressão do ponto de vista fenomenológico – Uma abordagem compreensiva*. In: PAYÁ, Roberta (Org.). *Intercâmbio das Psicoterapias*. Como cada abordagem psicoterápica compreende os transtornos psiquiátricos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017: 147-161.

VAZ, Joana Barra. Documentário Musical: *Meu caro amigo Chico* (2012). Disponível em <<https://vimeo.com/411556629>> Acesso realizado em 1º/5/2020, às 17h42min.